

A MINA DE CARVÃO DO CABO MONDEGO: 200 ANOS DE EXPLORAÇÃO

J.M. Soares Pinto¹, Pedro M. Callapez^{2,3}, Vanda F. Santos^{2,4} & José M. Brandão⁵

¹Escola Secundária Dr. Bernardino Machado, Figueira da Foz. jvonpintoff@live.com.pt

²Centro de Investigação da Terra e do Espaço, UC-CITEUC

³Departamento de Ciências da Terra, Universidade de Coimbra

⁴Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa

⁵Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência, Universidade de Évora

A descoberta de camadas de carvão no Jurássico Superior do Cabo Mondego e o seu aproveitamento para fins económicos, remontam à década de cinquenta do século XVIII e devem-se a um cidadão inglês residente na Figueira da Foz. A lavra mineira iniciou-se a partir de 1773, por ordem do Marquês de Pombal e por ela passaram alguns dos principais pioneiros da geologia portuguesa, incluindo José Bonifácio, Carlos Ribeiro, Jacinto Pedro Gomes e Ernest Fleury. A atividade extrativa prolongou-se por quase dois séculos, resistindo a diversas crises e guerras e ultrapassando as dificuldades inerentes a um jazigo de exploração difícil e de fraca qualidade. A ocorrência de um violento incêndio, em 1961, acabou por ditar o seu encerramento definitivo seis anos depois.

O jazigo de carvão mostrava fraco desenvolvimento para nascente, terminando próximo do marco geodésico de Buarcos. A continuidade lateral das camadas carbonosas possibilitou uma lavra que chegou a atingir mais de 3 km, a partir da entrada da mina na actual arriba (Galeria de Rolagem Nova Mondego - Santa Bárbara). Do lado do oceano, trabalhos antigos prolongaram-se ainda por mais de 200 m, aproveitando maior espessura das camadas.

O jazigo era composto por seis camadas de carvão, com pendores de 25° a 35° SE. Destas, apenas a segunda na ordem ascendente foi economicamente viável, por apresentar uma possança de 0,80 m a 1,25 m. A exploração do jazigo seguia o método de “exploração por maciços longos” com a traçagem disposta segundo a inclinação da camada, por talhas ascendentes. Esta técnica permitia que o carvão retirado fluísse por gravidade através das calhas de madeira ou directamente sobre a base da camada (muro) para as vagonetes que se encontravam na galeria do nível inferior, facilitando deste modo o trabalho do “picador” e a prática dos enchimentos. Durante o seu longo período de atividade foram executados numerosos trabalhos mineiros de vulto, incluindo os poços exteriores Santo António, Esperança, Farrobo, Fontainhas, Lodres (Lodi), Caldas, Santo Amaro, São João, Vieira, Guimarães, os interiores Ajuda, Mestre, Auxílio, Bracourt, Fleury e vários outros não denominados, assim como diversas chaminés de ventilação e milhares de metros de galerias (das quais se destacam as Mondego, Santa Bárbara, Galeria Nova de Rolagem e Sousa Holstein). Quase meio século decorrido desde o seu encerramento, ainda são muitos os vestígios visíveis do antigo complexo mineiro, quer no Cabo Mondego, quer na Serra da Boa Viagem. À semelhança de outras minas nacionais, onde têm vindo a ser feitas intervenções museológicas, importaria preservar o que resta da mais antiga mina de carvão portuguesa.

Palavras-chave: Mina de carvão; Cabo Mondego; Jurássico; percurso histórico; tipo de exploração.